
UMA CARTOGRAFIA SENTIMENTAL E HISTÓRICA: PRIMEIROS RASTROS DO SERTÃO NO DISCURSO DE ARIANO SUASSUNA

Jossefrania Vieira Martins
Mestranda em História-UFRN
jossehist@yahoo.com.br

O sertão serviu de matéria ao longo da história do Brasil em tramas problemáticas que urdiram a definição de categorias como nacional/regional. Como destaca Albuquerque Júnior (2001), dos muitos sertões que habitam o território e o imaginário brasileiro, o sertão interligado à fundação da região Nordeste revela-se uma contextura um tanto quanto complexa. Conceitos de sertão foram gestados em torno de sua condição física e por assim dizer nas experiências de sua “conquista” territorial e humana. Todavia, um olhar atento, verificará que o sertão bem mais que um espaço cartografado, demarcado por fronteiras, limites e características naturais, foi para, além disso, produzido e moldado também pelas experiências sensíveis que também fundamentam os discursos dos homens em torno dos espaços.

Ladrilhado de tantas imagens advindas da produção de uma memória cultural e histórica, o sertão abordado por Ariano Suassuna é fundamentalmente aquele erguido pelos cactos, regido de uma fronteira a outra pela marca da caatinga, do solo pedregoso, do vento seco e abrasador, das queimaduras do sol, da escassez de água, da terra batida, dos galhos desprovidos de verde numa natureza de um tom só: cinza. Um sertão percorrido por beatos esfarrapados, movidos por uma memória mítica além-mar, espaço regido pela ordem dos rifles de cangaceiros e fazendeiros, lugar atemporal, aglutinador de tempos e culturas diversas. Um lugar rico em histórias, um “lugar praticado” pelas histórias, pelos relatos, pelos trajetos, pela memória. (CERTEAU, 1994). Espaço que vai do fanatismo à seca. Do sangue à pedra. Da natureza à cultura.

Todavia as particularidades da visão de Suassuna sobre tal espaço possuem também um tecido emocional. O interesse, a aproximação, a tomada dessa espacialidade como inspiração para sua produção advém do esforço de reorganizar a sua memória pessoal. O sertão ao qual se filia cultural e historicamente é mesclado do contexto coletivo bem como pelas memórias do universo familiar do autor. Os rastros dessa relação Suassuna/sertão se denunciam ainda antes do seu nascimento e em meio ao panorama político da então Província da Paraíba na segunda metade da década de 1920. Como destaca Bráulio Tavares (2007, p.17), “os primeiros anos da vida de Suassuna foram marcados por uma luta política de

proporções nacionais, que feriu tragicamente sua família e transformou o Brasil inteiro.” Adentremos então, nesse terreno movediço.

O final do século XIX e início do século XX no Brasil são marcados político e socialmente pela disseminação de poderes oligárquicos nos diferentes espaços e realidades do território nacional. O próprio poder federal tinha como baliza o revezamento entre as poderosas oligarquias cafeeiras paulistas e as oligarquias mineiras. No interior das províncias, a realidade não era diferente e fenômenos como o coronelismo, por exemplo, protagonizavam a cena das relações sociais, políticas, culturais e econômicas nos sertões.

A província da Paraíba conheceu três fases oligárquicas: o venancismo, alvarismo e epitacismo. Tal sistema só sofreu assaltos quando da Revolução de 1930. Dessas três fases, destacamos, pois o sistema oligárquico do epitacismo, que como o próprio nome indica tinha Epitácio Pessoa no comando dos diferentes ramos familiares que constituíam tal núcleo. Interessa-nos particularmente, o período epitacista da história política paraibana pelo fato de João Suassuna (pai de Ariano) enquanto membro do referido sistema oligárquico, ter sido presidente desse estado entre 1924-1928. Indicado por Epitácio Pessoa, João Suassuna assume o governo e é nesse período que nasce então, o seu oitavo filho, Ariano, em 16 de junho de 1927.

A escolha de João Suassuna foi uma alternativa em meio à crise que assolava a oligarquia epitacista com o problema da sucessão de Sólton de Lucena. Nascido em 1886 na cidade de Catolé do Rocha no interior paraibano, João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna estudou respectivamente nas cidades de Brejo do Cruz e em Mossoró/RN. Em 1909, formou-se em advocacia pela Faculdade de Direito de Recife e em 1913 casou-se com Rita de Cássia Dantas Vilar, nascida na vila de Desterro em Teixeira/Paraíba. Depois disso, João Suassuna exerceu “a advocacia em Mossoró, foi Juiz de Direito em várias cidades paraibanas, Procurador da Fazenda e Inspetor do Tesouro Nacional no governo de Sólton de Lucena” até chegar a presidência da província da Paraíba em 1924. (TAVARES, 2007, p.12)

José Octávio de Arruda Mello (2002), ressalta que o governo de João Suassuna, foi marcado pelo favorecimento da cultura algodoeira, considerando-o, por conseguinte, como representante do “coronelato sertanejo” no poder. Durante seu mandato o cangaço ressurgiu com força na região, problema que gerou duras críticas por parte do governo federal. Logo, o patriarca oligárquico, Epitácio Pessoa viu-se obrigado a escolher um substituto para João Suassuna. Contudo, João Suassuna mesmo diante da tensão que fora criada no ambiente oligárquico, continuou planejando sua própria sucessão, formando uma chapa composta por

integrantes do coronelato sertanejo, dentre eles José Pereira, líder político de Princesa Isabel, cidade do Alto Sertão paraibano em divisa com Pernambuco. Pela proposta de Suassuna, Epitácio seria relegado a um papel apenas simbólico no arranjo oligárquico. Porém as articulações de João Suassuna, não surtiram efeito e Epitácio Pessoa indicou seu sobrinho João Pessoa para o cargo de presidente do estado na tentativa de conter a ascensão ao poder dos “coronéis sertanejos”.

Uma vez eleito, João Pessoa agiu no sentido de diminuir o poder das elites algodoeiras. Buscando restabelecer a supremacia de seu grupo no estado à qual deveriam se subordinar os coronéis sertanejos, ele empreendeu uma política tributária para conter o escoamento da produção para outras regiões através do contrabando. A única “porta econômica” da província passou a ser o porto de Cabedelo, por conseguinte, um cenário de discórdias foi montado na política e na sociedade paraibana e mesmo no âmbito regional. Os beneficiados pelo antigo sistema reagiram às mudanças, principalmente o grupo mercantil dos Pessoa de Queiroz de Pernambuco, que mesmo sendo primos do governante paraibano sentiram-se preteridos por suas atitudes.

Envoltas desse contexto, iniciam-se as articulações para sucessão do governo federal. O chefe da oligarquia paraibana em vigor, Epitácio Pessoa, indicava ao sobrinho não ceder aos mineiros, todavia preparava-se a candidatura de Getúlio Vargas a qual João Pessoa acabou por aderir, passando logo em seguida a compor sua chapa como vice-presidente. No Paraíba, o posicionamento de seu presidente no que se refere a corrida eleitoral federal juntamente com as práticas que marcavam seu governo na província acabaram por provocar a Guerra de Princesa nos primeiros meses de 1930. Tudo culminou na composição da chapa para o senado e deputados federais a ser indicada por João Pessoa, que sacrificou a candidatura de João Suassuna para deputado federal em face da preservação de seu primo Carlos Pessoa na referida chapa, o que acabou por “selar” o afastamento definitivo dos líderes sertanejos do governo provincial. Liderados pelo coronel José Pereira e apoiados pelo governo de Pernambuco bem como pelo poder federal, forças sediciosas proclamaram na cidade de Princesa Isabel o que ficou conhecido como “Território Livre de Princesa” com direito a hino, constituição, jornal, exército e bandeira.

Outro fato acrescenta-se às tensões desenroladas no espaço paraibano e à subsequente culminância da Revolução de 1930 no contexto nacional. Uma trama de cunho pessoal tornou ainda mais insustentável o clima político e social que dominava a Paraíba durante o governo João Pessoa:

Outro antagonismo, este de ordem pessoal, foi o que se criou entre João Pessoa e o advogado João Dantas, de família sertaneja, primo de Dona Rita Suassuna. Depois de meses de ofensas e agressões verbais entre os dois, a polícia da Capital invadiu o apartamento de Dantas e expôs publicamente sua correspondência com a professora Anayde Beiriz, sua namorada. Dantas ficou transtornado e, sabendo da presença de João Pessoa no Recife, abordou-o na Confeitaria da Glória, a tarde de 26 de julho de 1930, e matou-o a tiros. [...] O assassinato de João Pessoa pelas mãos de um representante dos clãs da oposição sertaneja deflagrou uma crise que ferveu nos centros políticos do País de julho até outubro, quando teve início o golpe militar, chefiado por Getúlio Vargas, que depôs o presidente Washington Luís. [...] Em 3 de outubro, João Dantas foi morto juntamente com seu cunhado Augusto Caldas, acusado de cumplicidade no crime, na Casa de Detenção, no Recife, onde os dois se encontravam presos desde julho. (TAVARES, 2007, p.20)

A esta altura, João Suassuna não se encontrava longe da polêmica. Pela amizade e laços familiares que tinha com João Dantas, rompido politicamente com João Pessoa e ligado aos interesses da elite algodoeira que comandava os sertões, ele passou a ser acusado como um dos “instigadores” do crime contra o então presidente da Paraíba. Uma vez noticiado do assassinato de João Dantas, João Suassuna sabia que seria um dos alvos da represália e assim acabou morto na rua do Riachuelo na cidade do Rio de Janeiro em nove de outubro de 1930 com tiros pelas costas executados por “pistoleiros”. Um crime político, um crime encomendado.

Este conjunto de cenas forma uma “cena primeira” na construção da representação do sertão no discurso de Ariano Suassuna. Aparentemente “silenciosa” em outras produções do autor, como por exemplo, no teatro e tratada implicitamente em suas experiências com a poesia, essa teia de tramas políticas na qual esteve presente a sua história familiar delimita-se como aquilo que Jacques Derrida (2002) chama de rastros e que encontraram seu espaço de “diferência” nas páginas da literatura suassuniana. É ao sertão, como palco do desenrolar desses fatos, que Ariano Suassuna filia-se, em meio a todas as suas marcas arquetípicas como o coronelismo, o patriarcalismo, o cangaço e o misticismo dentre outros enredos. Como salienta, Bráulio Tavares (2007, p. 22): “A infância de Ariano foi marcada, portanto, não apenas pela ausência trágica da figura paterna, mas também pela condição de se saber pertencente a um clã derrotado”.

Para tanto, não há como desconsiderar esse feixe de referências na gestação da relação de Ariano Suassuna com o sertão, o seu interesse por esse espaço, o seu processo de identificação com o mesmo; tendo em vista que uma marca de pertencimento é ferramenta fundamental na construção de sua visão de mundo e cultura, especialmente quando nela o

sertão protagoniza juntamente com a figura paterna do escritor. Se todas as faces de seu pensamento beberam nessa mesma fonte, investiguemos um percurso possível para compreendê-lo. Os rastros desse sertão são nossos alvos e ao mesmo tempo nos guiam. Como o filho do ex-presidente do estado da Paraíba torna-se escritor? Como podemos entender que ele reinterpreta todos esses fatos e ao mesmo tempo transpõe para o campo da arte as temáticas fundamentais de sua história pessoal? Como o sertão torna-se um dos elementos constitutivos de seu discurso?

Embora, Suassuna não tenha nascido no sertão, isto não o impede de identificar esse espaço como “sua terra” e assumir tal identidade recuperada a partir da memória de sua família e das passagens que teve ao lado da mãe e dos irmãos por alguns pontos do interior paraibano. A infância vivida no sertão é um dos rastros que corroboram em sua representação acerca desse espaço. Se lá não nasceu, foi lá que viveu enquanto menino, rastro de tempo e espaço. Com o término do mandato de João Suassuna a frente do governo do estado, a família muda-se para a fazenda Acauhan de sua propriedade, localizada no município de Souza, Alto Sertão Paraibano. Foi nesta fazenda que Ariano passou os primeiros anos de sua vida.

Em 1933, a família finalmente muda-se para Taperoá, no sertão dos Cariris Velhos da Paraíba. Lá se revezavam em temporadas na referida vila e nas fazendas Malhada da Onça e Carnaúba em suas imediações, de propriedade dos irmãos de dona Rita, mãe de Ariano Suassuna. Apresentam-se, pois dois rastros da formação da ideia de sertão de Ariano Suassuna: a morte do pai e o período que ele passa a viver em Taperoá. Neste lugar, ele tem acesso aos elementos inspiradores na construção de seu universo literário e artístico: em Taperoá Ariano iniciou também os estudos iniciais e lá viveu dos seis aos quinze anos, ainda que a partir dos dez anos tenha se mudado para Recife em função do avanço nos estudos. Portanto, até os quinze anos, ele volta a Taperoá por ocasião de suas férias, somente depois disso em 1942 a família fixa-se definitivamente no Recife.

A infância do escritor vivida em Taperoá em contato com cantadores, violeiros, cordéis, mamulengos e circos marca-lhe por toda a vida. Sedento por histórias, o menino Suassuna se consome dos relatos daqueles com os quais convive e começa a erguer dentro de si os meandros de sua visão de mundo, de arte e de literatura.

A aproximação com a literatura de cordel é um dos rastros mais fundamentais na construção do universo suassuniano. Desde menino, Ariano é fascinado pelas histórias do “romanceiro popular” – definição dada mais tarde pelo então escritor que pesquisando as associa a herança medieval ibérica. E foi em Taperoá na “escavação” e consumo do acervo da

biblioteca herdada pelo pai, que se deu esse encontro. O contato com o universo das histórias da literatura de cordel será um dos pilares inspiradores de toda a sua obra, seja no teatro, na poesia, na literatura bem como na produção da estética armorial, na qual ele apresenta as teorizações dos elementos que urdem inclusive sua reflexão sobre a cultura nacional. Foi no período em Taperoá, que ele presenciaria pela primeira vez uma “cantoria de viola”, o espetáculo de mamulengos bem como a experiência fantástica do circo.

Os anos em domínios taperoenses são pausados quando Ariano segue o mesmo destino dos irmãos mais velhos, mudando-se para o Recife para continuar os estudos. Taperoá passará então a ser o espaço de suas férias. Na capital pernambucana, Suassuna estudará como primeiramente interno no colégio protestante Americano Batista; a opção pela instituição não se remete somente às suas boas referências em termos educacionais, mas a uma questão religiosa. Nessa época, a avó materna de Suassuna, Afra Dantas Vilar, por ocasião de uma grave doença é operada por um médico protestante e decide aderir, ao protestantismo, sendo seguida por sua filha Rita, mesmo já casada na Igreja Católica com João Suassuna. O aluno “brincalhão” do Americano Batista, em meio à saída de um ambiente familiar católico passa então à formação protestante e, por conseguinte, afloram-se nele na adolescência, as dúvidas quanto à religião.

A questão religiosa esteve sempre presente ao longo de toda a sua vida e influenciará em demasia sua produção artística e literária. Os acontecimentos que gestaram a sua conversão novamente ao catolicismo foram: a leitura da conferência *Uma Cultura Ameaçada – A luso brasileira*, de Freyre e o casamento com Zélia, que era católica. (TAVARES, 2007).

Após a fase do Colégio Americano Batista, Suassuna transfere-se para o Ginásio Pernambucano, onde encontra a “terceira biblioteca” de sua vida e fascina-se principalmente pelas vastas coleções de livros de pintura. Em 1945, em função da preparação para o vestibular, ele muda-se para o Colégio Oswaldo Cruz, foi nessa época que Ariano estreou no cenário literário, porém como “poeta” ainda não como dramaturgo ou romancista. Ele publicou com o apoio de um professor, o poema “Noturno” no suplemento cultural do *Jornal do Comércio*.

Passado o momento de estréia literária, Suassuna ingressa na Faculdade de Direito do Recife em 1946, lá encontrara ambiente intelectual propício para desenvolver seu potencial criador. Frequentar os mesmos espaços de formação intelectual do pai, também formado pela Faculdade de Direito do Recife, tinha sua relevância. Como se pode perceber, João Suassuna não é apenas uma referência familiar forte, mas uma “inspiração intelectual”, equiparado aos

escritores e pensadores que contribuíram para a formação do filho, Ariano. Consumindo as memórias do pai, ele gestava ao mesmo tempo, a sua ideia de cultura e espaço, fundamentais inclusive no entendimento de sua representação do sertão. É em busca No período da faculdade, Suassuna teve encontros fundamentais para o florescimento de sua experiência literária compartilhando de um cenário no qual as discussões sobre cultura estavam em pauta, isso compensaria no jovem a obrigatoriedade dos estudos jurídicos, pois como destaca Newton Júnior (1999, p. 37-38):

Cursavam a faculdade de Direito, na época, além daquelas pessoas que realmente tinham interesse em advogar, muitas outras interessadas nas chamadas ciências humanas, em letras e artes, e que, por falta de opção, pela inexistência de cursos específicos na área de interesse, terminavam por ingressar no Curso de Direito. [...] É na Faculdade de Direito que Suassuna passa a conviver mais diretamente com um grupo de pessoas interessadas em pintura, literatura, teatro e outras artes, em geral.

O fato é que tal grupo de pessoas com interesses artísticos era liderado por Hermilo Borba Filho e nesse mesmo ano retomariam o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP). Nessa época o teatro recifense estava em crise, a principal companhia era o Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP), logo o TEP construiu sua proposta combatendo as posições da primeira.

Através de Hermilo, Ariano tomou conhecimento da obra de Frederico Garcia Lorca, que lhe produziu um impacto. Deslumbrado com o universo poético de Lorca, Suassuna passa também a utilizar as fontes da literatura popular para compor suas obras: as narrativas populares de origem medieval e/ou barroca da ibérica. O mergulho no universo rico dessas histórias, na variedade de seu repertório toca profundamente o jovem Suassuna que passa tomá-las como inspiração para as suas produções. No encontro com a magia e as possibilidades do universo ibérico de Lorca, Suassuna parece encontrar o caminho que demarcaria toda a gestação de sua autoria seja em seus temas como também em sua estética norteadora: a literatura popular.

Nesse sentido, Suassuna iniciaria um longo processo de pesquisa e reflexão acerca da literatura popular. Essa fonte, no entanto, tinha um espaço próprio de ocorrência: o sertão. O contato com a obra de Lorca corroborou em Ariano a concepção de que toda arte liga-se a um lugar, é nesse sentido que ele relaciona a obra de Cervantes à Espanha, por exemplo. A relação dos homens com os espaços, seja ela física ou afetiva, produz culturas peculiares,

portanto, não se torna absurdo pensar, que nesse momento, Suassuna já escolhe o sertão para relacionar toda a sua visão de arte, todo o seu esforço de escritura.

Os contatos iniciais que ele teve ainda menino com a literatura de cordel no sertão através da biblioteca paterna foram fundamentais e, é detectando a permanência das referências dos romances ibéricos nos folhetos do sertão que Suassuna os toma como ferramentas balizares na produção de seus poemas e romance, mas especialmente de seu teatro. Além disso, torna os folhetos do que costumaria chamar de “Romanceiro Popular Nordeste” bases inspiradoras para produzir uma estética artística e ao mesmo tempo erguer as pontes de sua reflexão sobre a cultura nacional, tudo isso presente no subseqüente desenvolvimento do Movimento Armorial, em meio a esses projetos está o sertão como palco dessas referências. Além desse pressuposto emocional, a busca pelo espírito dos folhetos busca “resolver” o problema da identidade brasileira. O futuro da arte brasileira estava no retorno necessário ao passado, às referências que permitiram a fusão cultural que construiu historicamente o Brasil e assim, surgia o Movimento Armorial.

Logicamente o sertão não está presente no discurso de Suassuna inocentemente, ao longo de sua obra esse espaço vai se consolidando como uma de suas principais problemáticas. Ou seja, ele não está “deslocado” do debate regional, ao contrário, nele se insere, tomando o sertão como aporte espacial e sentimental na construção da identidade. Foi lá, no sertão que o escritor e dramaturgo encontrou-se com o universo múltiplo dos folhetos, que ao longo de sua trajetória intelectual inspiraram sua reflexão acerca da produção de uma cultura nacional de bases “autênticas”, apresentando com o Movimento Armorial a importância estética no conceito e na produção da cultura.

O período de sua formação (Faculdade de Direito, TEP, TPN, O Gráfico Amador) contribuiu para o florescimento de suas ideias de arte e cultura e ao mesmo tempo balizou a sua atuação no campo cultural através dos cargos públicos que exerceu ao longo de sua vida. A passagem por esses grupos permitiu a Suassuna frequentar e interagir no cenário cultural do Recife desde a década de 1940, subsidiando-lhe inclusive uma certa notoriedade pública. O trabalho como professor, os cargos públicos que assumiu e sua entrada no campo da literatura com a publicação em 1971 do *Romance d’A Pedra do Reino* foram instrumentos a serviço da comunicação de uma estética cultural peculiar que tem como nortes fundamentais: o sertão nas experiências vivenciadas durante a infância e o pai João Suassuna no que se refere ao trauma causado por sua perda gerando uma busca exacerbada pela figura paterna, na tentativa de recuperar e preservar sua memória.

As referências do sertão que ele toma como inspiração e problema literário advém dos mais distintos contatos e experiências. O seu sertão é uma mescla de filiações literárias ou pessoais: Taperoá, as primeiras décadas do século XX, Sílvio Romero, Djacir Menezes, Euclides da Cunha, Romanceiro Popular do Nordeste, moral, tradição, religiosidade, João Suassuna.

Ao apresentarmos o esteio no qual a se dá a aproximação de Ariano Suassuna com o sertão, buscamos os rastros desse contato que se demonstrou desde sempre “emocional”, mas não por isso “inocente” ou desprovido de intencionalidade. Como demonstrado, o sertão de Suassuna começa a ser tecido a partir da marca pessoal e histórica: os fatos da história paraibana. Por volta de 1930, começa o seu drama e a sua tentativa de redenção, logo o sertão começa a ser tramado pela experiência sensível na exploração da memória.

Referências:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJM, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. vol. I. Petrópolis: Vozes, 1994.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2002.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. **O pai, o exílio e o reino**. Recife: Editora da UFPE, 1999.

TAVARES, Braúlio. **ABC de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.